

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS - 03



**JUVENTUDE NEGRA E WEBNAMORO:
AS PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES NEGROS DE
REGIÕES PERIFÉRICAS DO RIO DE JANEIRO**

Leandro da Conceição Borges

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0222-3040>.

E-mail: leandrocb@ufmg.br.

Paulo Melgaço da Silva Junior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4301-9305>.

Resumo: O texto apresenta a percepção de jovens negros(as) de regiões periféricas do Estado do Rio de Janeiro sobre webnamoro, tecnologias e juventude negra. Por condições impostas pelo isolamento social, causado pela pandemia da covid-19, muitos jovens viram nos aplicativos a possibilidade de se relacionar amorosamente. A pesquisa, caracterizada metodologicamente como de cunho descritivo, buscou evidenciar qualitativamente e quantitativamente a visão dos jovens sobre os assuntos em tela, entendendo seus atravessamentos. Inferiu-se que o acesso à internet é um fator limitante aos jovens pesquisados, pois apenas 28 respondentes retornaram a pesquisa, fato que também podem impactar nas experiências vivenciadas pelos mesmos em redes de sociabilidade *on-line*. Destacam-se entre esse grupo aplicativos convencionais de interação social, com pouco ou nenhum acesso aos específicos para namoro *on-line*. Não identificou-se uma sólida adesão ao webnamoro nesse grupo, mas verificou-se que, mesmo entre os que não vivenciaram um webnamoro, eles entendem a possibilidade das consequências perigosas que esse tipo de relacionamento pode ocasionar. Sobre raça, houve contradição: foi apontada como fator positivo no meio *on-line*, com a representatividade despontando com relevância, ainda que o preconceito ecoe significativamente nesse espaço; mas também como algo que não ajuda no namoro *on-line*. Os resultados também apontaram para estudos futuros paralelos sobre os obstáculos que esse grupo enfrenta, como a questão da empregabilidade de jovens negros(as) em periferias, assim como o impacto propiciado pela tecnologia em diversos aspectos de sociabilidade.

Palavras-chave: Webnamoro. Juventude. Negritude. Periferias. Tecnologias.

**BLACK YOUTH AND WEBDATING:
THE PERCEPTIONS OF BLACK ADOLESCENTS FROM
RIO DE JANEIRO'S PERIPHERAL REGIONS**

Abstract: The text presents the perception of young black people from peripheral regions of the state of Rio de Janeiro about webdating, technologies and black youth. Due to the conditions imposed by social isolation, caused by the COVID-19 pandemic, many young people have seen apps as a possibility for romantic relationships. The research, methodologically characterized as descriptive, sought to provide qualitative and quantitative evidence of young people's views on the subjects, understanding their intersections. It was found that access to the internet is a limiting factor for the young people surveyed, as only 28 respondents returned the survey, a fact that can also have an impact on their experiences in online sociability networks. Among this group, conventional social interaction apps stand out, with little or no access to specific online dating apps. We did not identify a solid adherence to webdating in this group, but we did find that even among those who have not experienced webdating, they understand the possibility of the dangerous consequences that this type of relationship can have. Regarding race, there was a contradiction: it was pointed out as a positive factor in the online environment, with representativeness emerging with relevance, even though there is prejudice in this place; but also, as something that does not help in online dating. The results also pointed to future parallel studies on the obstacles faced by this group, such as the issue of employability of young black people in peripheries, as well as the impact provided by technology on various aspects of sociability.

Keywords: Webdating. Youth. Blackness. Peripheries. Technologies.

Introdução

Em meados de 2019, o mundo viu o surgimento de uma pandemia global, cujas medidas iniciais de enfrentamento estavam no distanciamento social, ou seja, no afastamento das relações presenciais diárias com os amigos e outras pessoas, até que um medicamento ou vacina fosse formulado. Alguns ambientes de sociabilidade foram totalmente modificados: museus, teatros, bibliotecas, escolas, *shows* musicais entre outros estabelecimentos foram obrigados a fechar e/ou migrar os seus serviços para o ambiente *on-line*. Com a queda do movimento de pessoas nas atividades presenciais, viu-se o crescimento e o fortalecimento de novos modos de interação pela internet, como, por exemplo, as potencialidades de relacionamentos entre as pessoas nesse ambiente. As conversas pela internet, trocas, flertes por meio de aplicativos e o uso massivo das mídias sociais para essa finalidade ganharam maior proporção e espaço na vida social no contexto pandêmico.

A internet e as diferentes inovações propiciadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) potencializaram, portanto, a interação entre as pessoas, em diferentes localidades do mundo. Castells (2007), ao caracterizar esse fenômeno, apresenta a comunicação *on-line* como uma rede composta de um conjunto de nós que se relaciona entre si, cujas fronteiras são delimitadas pelas conexões entre os nós. Em linhas gerais, segundo a visão do autor, os nós, em uma rede social, seriam as pessoas, que dialogam por outro nó (*sites* ou

aplicativos), por meio de uma rede, que é a internet, com conexões duradouras ou não, pois estão em constante atualização (CASTELLS, 2007).

Analogamente à visão de Castells (2007), as pessoas (nós), ao utilizarem aplicativos como *Facebook*, *Twitter* ou *Instagram*, assim como aplicativos específicos para encontros amorosos como *Tinder*, *Happn* e *Grindr* (nós de nós), por meio da internet (rede), passaram a conhecer e marcar encontros com sujeitos de diferentes localidades do mundo (conexões). Com a pandemia, o uso desses aplicativos foi intensificado. Thomaz (2021) aponta que o *Happn* registrou a adesão de mais de 2,8 milhões de novos usuários durante a pandemia de covid-19, enquanto o *Tinder*, vendo o seu número de usuários crescer, passou a integrar chamadas de vídeo à sua plataforma.

Na realidade brasileira, durante o início da pandemia, Del Carmen (2021) informa¹ que o uso geral de aplicativos cresceu entre 30% e 400%. Em escala global, o uso de aplicativos de relacionamentos amorosos obteve um aumento de 82% em 2020 (DEL CARMEN, 2021).

Considerando esse contexto, a proposta central deste artigo é refletir sobre as relações entre juventude negra (meninas e meninos), tecnologias e *webnamoro* em regiões periféricas do Estado do Rio de Janeiro. O *webnamoro* é definido por Loures e Costa (2020) como uma forma da nova geração demonstrar afetos, e até a sua própria sexualidade, por meio da internet a outrem. Silva Junior, Félix e Couto (2020) associam o *webnamoro* ao estudo das pedagogias culturais e sexuais². O conceito será abordado de forma mais detalhada no desenvolvimento do artigo.

Justifica-se a escolha pelos/as jovens negros(as) devido a sua recorrente exclusão em diferentes setores da sociedade, em conformidade com um racismo estrutural no país que sempre privilegia pessoas de pele branca, inclusive no campo acadêmico e suas investigações. Cabe destacar que, apesar de desacreditadas as teorias associadas à biologia, a raça no Brasil permanece um fator que provoca desigualdade social. De acordo com o estudo de Silva Junior e Borges (2018), a juventude negra possui maior dificuldade de acesso a bens culturais e renda mais baixa. É importante imprimir seus gostos e opiniões nessas pesquisas, enfatizando o que pensa tal grupo.

¹ Citando dados da *Pew Research*.

² O conceito de pedagogias culturais surgiu no século XX por meio de plataformas midiáticas, na construção de sujeitos em diferentes posições sociais (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020).

Já a escolha por periferias se deu após a informação divulgada por Xavier e Hercog (2020), que apontam para a pesquisa da Intervezes, segundo a qual cerca de 30% dos municípios do país, grande parte localizados nas regiões Norte e Nordeste, não possuem uma rede de internet de alta capacidade. Nessas regiões, a maioria da população é composta por negros e indígenas.

Sobre periferias urbanas, Silva Junior e Borges (2018) defendem a importância de conhecer as sociabilidades e modos de interações nessas localidades, compreendidas como um espaço de vulnerabilidades e desigualdades sociais que acabam por tirar possibilidades de ascensão social das pessoas que ali vivem. No entanto, Chimin Junior (2009) diz que conhecer esses espaços também pode auxiliar nas fugas das explicações generalizantes que pouco colaboram com o processo de formulação de políticas e execução de ações públicas.

Refletindo sobre essas questões que permeiam a prática do webnamoro, tecnologias e juventude negra, a pergunta que norteia esta pesquisa é: o que pensa o(a) jovem negro(a) morador(a) de periferia sobre o webnamoro e tecnologias?

Em busca de respondê-la e atender aos objetivos da pesquisa, realizou-se um questionário, por meio do *Google Forms*, em três eixos: 1 – Conhecendo melhor o participante; 2 – Juventude negra e o uso de tecnologias; 3 – Webnamoro. Ao todo, foram propostas 30 perguntas, ora abertas, ora fechadas, sendo todas respondidas de forma anônima. No total, 28 adolescentes responderam à pesquisa³.

Baseado em Silva Junior e Borges (2018), a argumentação é que este estudo pode abrir possibilidades para a compreensão e a reflexão sobre

[...] como determinados discursos e conceitos que circulam nos grandes centros são apropriados e reinventados nestes espaços. Neles, as relações de vizinhança persistem muito mais do que em bairros de classe média ou alta, fazendo com que as necessidades básicas e os espaços de sociabilidade redesenhem novas formas de perceber o mundo social (SILVA JUNIOR; BORGES, 2018, p. 5).

Para empreender o debate, o texto está organizado do seguinte modo: a) “Reflexões iniciais: quando a raça se torna uma questão”, na qual se discute o conceito de raça; b) “Juventude e juventude negra”, em que se abordam as diferentes percepções conceituais sobre

³ O link do questionário foi enviado para coordenadores pedagógicos de três escolas públicas estaduais de periferias urbanas das cidades de Duque de Caxias, São João de Meriti e Rio de Janeiro, que distribuíram para os alunos responderem a seu critério.

juventude e como refletem em jovens negros(as); c) “Webnamoro”, em que discute-se a emergência da temática e as definições conceituais para o seu entendimento; d) “Metodologia”, em que apresenta-se o percurso metodológico adotado no artigo; e) “Análise dos dados e discussão dos resultados”, na qual há a reunião dos dados levantados na pesquisa e as suas devidas discussões; e, por fim, apresentam-se as f) as considerações não-finais e g) as “Referências” utilizadas no artigo.

Reflexões iniciais: quando a raça se torna uma questão

Silva Junior e Melgaço (2020) consideram que

[...] iniciar um artigo refletindo sobre o conceito de raça significa estabelecer neste debate parâmetros que serão norteadores de toda a pesquisa [...] embora seja um termo fabricado, a ideia de raça se fundou e se apresenta, nos dias de hoje, como um instrumento de poder que estrutura todas as outras relações sociais no Brasil (SILVA JUNIOR; MELGAÇO, 2020, p. 311).

Nesta perspectiva, Quijano (2005) ensina que a raça é uma grande fantasia e que não pode ser relacionada à biologia. O autor mostra que este conceito foi construído, em um contexto colonial, para hierarquizar e subalternizar os povos, determinando alguns como raça inferior. Com isso, criou-se uma relação histórica que classificou e reclassificou as pessoas no planeta como forma de controle social (QUIJANO, 2005).

Portanto, partindo do pressuposto de raça como uma invenção, o termo *negro*, de acordo com Mbembe (2014), foi fabricado para estigmatizar, excluir e denominar o abominado. Nas palavras do autor, “o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito em mercadoria” (MBEMBE, 2014, p. 19). O autor mostra que esta criação eurocêntrica faz destacar a hegemonia e a supremacia da raça branca, colocando-se como um modelo a ser seguido e com o qual todas as demais raças devam ser comparadas, ressaltando os privilégios dos brancos pelo simples fato de nascerem com tal cor (MBEMBE, 2014). Nesse sentido, Schucman (2014) destaca a força de tais privilégios, como no caso de um mendigo branco que entra no *shopping center*. Este corpo branco é autorizado a adentrar este espaço para usar os banheiros, por exemplo, algo negado à população de rua não branca.

De acordo com Silva Junior e Melgaço (2020, p. 312), pensar em raça no contexto brasileiro significa, sobretudo, “[...] mexer em um terreno obscuro por desestabilizar espaços

tidos como intocáveis no oficialismo nacional”. Com base na perspectiva desses autores, percebe-se que em diferentes momentos a questão racial em nosso país inferiorizou o corpo negro. A política do branqueamento (ciência da raça), que marcou o Brasil nos pós-abolição (1888), tinha como objetivo extinguir o negro do Brasil. De acordo com Nascimento (2016), durante o período de 1921 a 1923, a Câmara dos Deputados considerou e discutiu leis que impediam a entrada de indivíduos negros no país. A imigração desejada era a branca para que a miscigenação ocorresse e a população negra fosse reduzida. Assim, a cada momento aumentaria o número de mestiços e brancos (NASCIMENTO, 2016).

Na década de 1930, entretanto, começa a tomar força o mito da democracia racial, ou seja, o mestiço ganha lugar como símbolo da identidade brasileira, fruto da mistura de raças que forma nosso país. Nesse cenário, destaca-se Gilberto Freyre⁴, o fundador do lusotropicalismo (NASCIMENTO, 2016), conceito que defendia que os portugueses obtiveram êxito em criar um paraíso racial na América. Em suas obras, Freyre figura a convivência harmônica entre as três raças – o que de fato, historicamente, não ocorreu.

Em obras mais recentes, o mito dá lugar a outra perspectiva. Tal convívio “harmonioso” entre as raças foi denominado por Sales Junior (2006) como “cordialidade racial”, ou seja, o modo como se acomodaram as relações raciais fruto de códigos de sociabilidades em que se tolera a presença do negro/a calcado/a na ideia do clientelismo e do patrimonialismo. Impera, pois, um discurso de não ditos, que transita, a depender do seguimento das regras, entre a violência de injúrias raciais a uma relação amistosa entre as raças (SALES JUNIOR, 2006). Esta cordialidade não é harmônica, ela aumenta e congela a distância entre as raças, acentuando as hierarquias estabelecidas até então (MELO; SILVA JUNIOR; MARQUES, 2020).

De acordo com Gomes (1996, p. 70), as teorias racistas “ainda estão presentes na atualidade e mantêm sua força ideológica não apenas entre a comunidade branca, mas entre parcelas significativas da comunidade negra”. Este pensamento acaba por fazer emergir discursos muito presentes em nossa sociedade, principalmente em governos conservadores,

⁴ Em Silva Junior e Melgaço (2020) pode-se ler que Gilberto Freyre é reverenciado como um dos principais intérpretes do Brasil. Freyre recebeu influência do norte-americano Franz Boas, que naquele momento desenvolvia uma série de estudos sobre culturas. Gilberto Freyre afirma que foi o estudo antropológico sob a orientação de Boas que revelou a ele o justo valor do negro e do mulato. Consideramos a obra *Casa-grande e Senzala* (2003, 1939) como um de seus principais trabalhos que conseguiu refletir o pensamento daquele momento, ainda que aponte para uma ideia não condizente com o que efetivamente se construiu em torno de raça no Brasil, com um racismo enraizado em suas estruturas desde o Brasil Colônia, perpetuado até os dias de hoje.

como, por exemplo: “o Brasil não é um país racista – aqui vivemos uma democracia racial ou meritocracia”. É relevante destacar que Almeida (2019) considera, no contexto brasileiro, que o discurso da meritocracia é altamente racista e se manifesta por meio de mecanismos institucionais, tais como os concursos públicos e os processos seletivos das universidades:

Uma vez que a desigualdade educacional está relacionada com a desigualdade racial [...] o perfil racial dos ocupantes de cargos de prestígio no setor público e dos estudantes nas universidades mais concorridas reafirma o imaginário que, em geral, associa competência e mérito a condições como branquitude, masculinidade, heterossexualidade e cisnormatividade (ALMEIDA, 2019, p. 81).

Por fim, as lutas preconizadas pelo movimento negro, desde a Frente Negra Brasileira até os dias atuais, buscam para além de resgatar a autoestima do negro, lutar por políticas de acesso, de reparação, de reconhecimento. É neste aspecto que nos interessa conhecer a juventude negra periférica e perceber, por meio de suas narrativas, as possibilidades de sociabilidades nas mídias sociais⁵.

Juventude e juventude negra

A juventude pode ser definida como uma etapa de experimentações da vida do sujeito. Segundo Santos (2021), em muitos contextos a juventude é visualizada por meio de um recorte etário, sem considerar as características de construção social e cultural da pessoa. O autor defende que juventude não envolve apenas uma fase ou idade, mas integra também outras características como classe social, etnia, gênero, entre outras questões sociais e sociológicas. Entretanto, para Rocha (2006), ainda que considere outros aspectos de ordem social, essa fase é definida dos 15 aos 24 anos, assim como para a UNESCO (2004). A agência, no entanto, salienta que isso pode variar em cada localidade do mundo, sendo a juventude considerada uma categoria fluida e mutável.

Silver (2018) repercute um artigo publicado pela revista Lancet, o qual estabelece a adolescência como sendo dos 10 aos 24 anos. Os fatores que os cientistas do artigo levam em consideração para a extensão desse período são o fato dos jovens optarem por estenderem a faculdade por mais tempo, assim como adiarem casamentos e maternidade/paternidade.

⁵ Destaca-se que existe uma vasta biografia que discute as questões raciais no Brasil, no entanto, diante da temática e do limite deste artigo, perpassou-se brevemente pela questão, destacando apenas pontos de relevância para o recorte aqui adotado.

Abramo (1997) justifica que muitas das abordagens envolvendo jovens,

[...] tanto no plano da sua tematização como das ações a eles dirigidas, [apresenta] uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los (ABRAMO, 1997, p. 28).

Tais aspectos, prossegue a autora, são visíveis quando se fala em cidadania, termo este de grande relevância no contexto brasileiro, uma vez que envolve direitos e participações de diferentes atores da sociedade, inclusive dos jovens, adotando uma postura crítica em percebê-los no papel de enunciadores (ABRAMO, 1997).

Peralva (1997) apresenta o conceito de juventude como uma construção histórica e social, sem se esquecer das questões biológicas pertinentes a essa faixa etária. Corroborando a essa visão, Salles (1998) contextualiza a adolescência como um período composto por inquietações por parte dos jovens devido a aspectos biológicos, algo que tem relação com o caráter universal e natural. Para Dayrell (2003) existem juventudes ao invés de juventude, onde o **S** apresenta aspectos sociais e políticos, ampliando a definição do termo.

Ao olhar para a juventude no Brasil, Dayrell (2007) a percebe pela perspectiva de diferentes dimensões; neste caso, influenciada pelo tempo e lugar de onde esses jovens são pertencentes. Segundo o autor, a cultura juvenil se vincula a um espaço delimitado por práticas privilegiadas, exposições de símbolos e rituais para a demarcação da identidade. Ele defende que há uma condição juvenil com múltiplas dimensões, sendo importante perceber o lugar social do jovem. Esta condição:

Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (DAYRELL, 2007, p. 1108).

A dimensão da sociabilidade apresentada por Dayrell (2007) é importante pois expressa as suas relações sociais em seus diferentes níveis e trânsitos, dando-se no cotidiano. Aqui manifesta-se, para além das dinâmicas positivas, a convivência com conflitos e violências, que tende a ocorrer com maior frequência entre os jovens do gênero masculino (DAYRELL, 2007).

O trabalho (empregabilidade) é outra dimensão apontada pelo autor, principalmente quando o/a jovem é oriundo/a de periferias, pois é por meio do trabalho que ele/a pode traçar as perspectivas de sobrevivência diante de uma realidade conflituosa e assim projetar o seu futuro. Tal discussão aponta para a necessidade da adoção de políticas públicas para a inserção desse/a jovem na sociedade, tendo em vista a precarização de ofertas de emprego a essa faixa da população (DAYRELL, 2007).

Para Sposito e Carrano (2003, p. 18), dois aspectos importantes sobre a construção de políticas públicas para a juventude precisam ser levados em consideração. O primeiro, considera “[...] a ideia de que qualquer ação destinada aos jovens exprime parte das representações normativas correntes sobre a idade e os atores jovens que uma determinada sociedade constrói”. Porém, prosseguem os autores,

[...] a conformação das ações e programas públicos não sofre apenas os efeitos de concepções, mas pode, ao contrário, provocar modulações nas imagens dominantes que a sociedade constrói sobre seus sujeitos jovens. Assim, as políticas públicas de juventude não seriam apenas o retrato passivo de formas dominantes de conceber a condição juvenil, mas poderiam agir, ativamente, na produção de novas representações (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 18).

O segundo aspecto envolve o Estado e a sociedade civil. Em um primeiro momento, há o apontamento de insuficiência na discussão sobre a juventude baseada apenas na imagem que se tem sobre o jovem. Neste contexto, é preciso visualizar também as práticas de ação política, o exercício de governo, neste caso, com a abertura de canais para a participação dos jovens, e as suas “relações com a sociedade civil na construção da esfera pública” (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 20).

Além das questões levantadas, pensar em juventudes também é pensar em interseccionalidades, ou seja, nos múltiplos atravessamentos que marcam as subjetividades dos jovens. Cabe ressaltar nesse cenário a desigualdade e outras questões relacionadas à exclusão, que estão presentes principalmente nas relações sociais entre raça, gênero e classe. Trabalhar essas questões é importante para a adoção de políticas públicas eficazes.

Os primeiros debates sobre o tema surgiram nos Estados Unidos e no Reino Unido entre os anos de 1970 e 1980, no cenário político das lutas negras feministas (CRENSHAW, 2002). Foi assim que o *black feminism* ganhou força na academia, catapultando a teorização feminista pelo olhar da mulher negra. No entanto, é apenas no ano de 1989 que o termo ganha um

significado de fato, a partir de Kimberlé Crenshaw. A autora conceitua a interseccionalidade como um problema que registra os resultados da interação de dois ou mais eixos de subordinação (CRENSHAW, 2002). Esses eixos, ou vias, podem estar diretamente associados à forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classes e outras formas de discriminação são assimiladas e constroem desigualdades sociais que abarcam as minorias.

A interseccionalidade também está ligada em como as ações e políticas geram opressões que contemplam todos os eixos de subordinação, criando dispositivos de desempoderamento. Em outras palavras, o desempoderamento pode ser compreendido como as formas pelas quais esses eixos se relacionam, criando/ampliando o quadro de desigualdades (CRENSHAW, 2002).

Nesta perspectiva, a interseccionalidade contribui para explicar a amplitude das relações entre os eixos como raça, etnia, gênero, faixa etária (geracional) e classe, com a estruturação social, econômica e política a qual todos os sujeitos estão expostos. É relevante destacar que os eixos citados são diferentes e excludentes entre si, ainda que, possam estar interligados, criando intersecções complexas (CRENSHAW, 2002).

É neste sentido que para entender o pensamento desses jovens, que estão diretamente expostos a esses eixos, conforme será apresentado mais adiante, há a necessidade de se conhecer tal conceito, ainda mais quando se pretende, em pesquisa, adotar o recorte racial. Pensar especificamente em juventude negra demanda reflexões particulares dentro do tema da própria juventude, com especial relevância do atravessamento interseccional.

Um exemplo da implicação dos eixos está no fator violência. Segundo o *Atlas da Violência* (CERQUEIRA *et al.*, 2021), publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), adolescentes do sexo masculino, entre 15 e 29 anos, em escala global, são os que estão mais suscetíveis a homicídios. No Brasil, a violência é o principal fator para a morte de jovens. Segundo dados de 2019, presentes no documento,

[...] de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal. Entre aqueles que possuíam de 20 a 24, foram 38 vítimas de homicídios a cada 100 óbitos e, entre aqueles de 25 a 29 anos, foram 31. Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. São 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país (CERQUEIRA *et al.*, 2021, p. 27).

Desde a década de 1980, quando a taxa de homicídios começou a crescer no Brasil, viu-se também o crescimento de homicídios da população negra, especialmente com os mais jovens. Em 2019, 77% das vítimas de homicídio, numa comparação por 100 mil habitantes, eram negras (CERQUEIRA *et al.*, 2021). Bento e Beghin (2005) descrevem que os jovens negros são as principais vítimas da violência urbana, homicídios e abordagens excessivas por policiais, além de comporem um quadro de menores salários no mercado de trabalho. Esse grupo também lidera os quadros de desempregados, analfabetos e de evasão escolar. Gonzalez (1979), por sua vez, relata que por conta do desemprego e subemprego, ocorre a exclusão dos jovens negros do mercado formal de trabalho. Com isso, infere-se que eles são levados a exercerem outras atividades à margem da sociedade.

Todos esses dados reforçam um quadro mais grave e amplo de racismo estrutural na sociedade, que busca a manutenção da população negra nas bases da pirâmide social, infligindo a ela, ainda hoje, a exclusão, o preconceito e a desigualdade.

Paralela a essas questões, a juventude tem se valido da internet e das suas potencialidades para postarem e divulgarem situações do seu cotidiano. Os relacionamentos amorosos *on-line* também têm ganhado espaço nesse cenário. Mas também aí, a violência encontra seu espaço. Muitas questões, como por exemplo, vazamentos de fotos e vídeos íntimos desses jovens ocorrem de forma recorrente e as consequências de tais atos podem ser as piores possíveis. Essa pode ser caracterizada como uma das facetas cruéis do webnamoro. Bastos (2021) acrescenta que quando relacionada a menores, essa exposição na internet pode ser a porta para alguns crimes, como por exemplo, o *cyberbullying*, o aliciamento virtual e a pornografia infantil.

É com base nessa conjuntura da juventude negra e das relações *on-line*, que a seguir será aprofundado o debate sobre o webnamoro.

Webnamoro

As definições sobre o conceito de webnamoro são variadas, conforme verificaremos ao longo desta seção. Para iniciar essa reflexão, destaca-se a visão de Koop (2021), ao contextualizar que antes de se chegar ao webnamoro, com o surgimento dos *e-mails*, nasceram os *chats*, onde duas ou mais pessoas estabeleciam trocas *on-line*. Segundo a autora, os termos webamigo ou webnamoro referem-se "[...] ao relacionamento de duas pessoas que se conhecem

e começam a se relacionar virtualmente sem nunca terem se encontrado fisicamente, mas que se reconhecem em um relacionamento afetivo um com o outro” (KOOP, 2021, p. 14).

Lima (2020) explica a prática do webnamoro como um relacionamento entre pessoas que nunca se viram pessoalmente. De acordo com a autora, fóruns como o *Reddit*, que consiste em um *site* onde o usuário agrega conteúdo compartilhando informações, ajudam esses indivíduos a trocarem ideias, até mesmo com o compartilhamento de *sexting*, que são divulgações de conteúdos sexuais (LIMA, 2020).

Já para Loures e Costa (2020) o conceito de webnamoro implica relações que

[...] têm como característica uma procura mútua por um igual através da internet, sob um estreitamento de laços separado por telas e interfaces computacionais/tecnológicas. Contudo, por muitas vezes, o webnamoro é visto como uma piada nascida nas redes sociais, e existe até mesmo uma página no Facebook dedicada a divulgar *prints* de webrelacionamentos. Também podemos nos deparar, em simples buscas sobre o termo em interfaces de buscas *on-line*, com manuais que ensinam como se iniciar na prática, inclusive com instruções passo a passo (LOURES; COSTA, 2020, p. 116).

Neste contexto, outros conceitos também podem aparecer como similares a ele: namoro virtual, sexo virtual, cibersexo etc. (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020). Não há, contudo, consenso em suas definições, ainda que a finalidade abarque as trocas de mensagens com teor sexual e mídias (imagens, sons e vídeos) eróticas. No entanto, pode-se dizer que, conforme explicitado pelos autores supracitados, o webnamoro constitui-se em um relacionamento afetivo-sexual mediado pela internet. Essas práticas, à distância, foram multiplicadas no dia a dia de muitas pessoas (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020), e, por que não, potencializadas no contexto pandêmico, trazendo novos sentidos a esse tipo de relação. Em Silva Junior (2020), afirma-se que o webnamoro foi uma prática potencializada pelo momento vivido no isolamento social.

Silva Junior, Félix e Couto (2020) percebem o webnamoro em um cenário de avanço das interações mediadas pela internet, crescimento da cibercultura e com as conexões em rede tornando-se cada vez mais frequentes. Hoje em dia, tornou-se praticamente impossível viver sem estar conectado, pois praticamente tudo é realizado por meio da rede mundial de computadores. Inclui-se, aí, a paquera *on-line* ou webnamoro, que acontece nas mídias sociais ou aplicativos, iniciados ou não na internet (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020).

Para Paz e Silva (2021) esse fenômeno é definido como algo desenvolvido por adolescentes, que desde a infância possuem familiaridade com a internet e conhecem as possibilidades de se relacionarem com outras pessoas *on-line*.

Já no contexto estético, o webnamoro está relacionado aos jogos disponibilizados na internet, assim como o consumo de cultura japonesa, principalmente *animes* e *games* (LOURES; COSTA, 2020). Ainda segundo os autores, antes do mundo ser ferozmente atingido pela pandemia de covid-19 já havia um interesse crescente por uma relação de afeto dos jogadores e personagens de videogames. Em outras palavras, ligadas à prática do *cosplay*⁶, o sistema capitalista acabou se apropriando de técnicas para oferecer serviços voltados ao webnamoro e sexualidade (LOURES; COSTA, 2020). Para os autores esse é um caminho sem volta.

Corroborando essa questão, Silva Junior, Félix e Couto (2020) apontam que por trás do webnamoro há um mercado em expansão explorando aspectos de construção da beleza, juventude e prazer associados à sexualidade na internet, ampliando o estudo de pedagogias culturais e sexuais. É, portanto, uma investigação que entende seu campo de atuação na construção do conhecimento, saberes, pensamentos e formas de ação. Estende-se, pois, o termo educação, para além da escola, visto que são pedagogias que moldam as pessoas de uma determinada cultura, na apreensão e ensinamento de formas de ser pertencente à sociedade, transformando o sujeito, como, por exemplo, pelo atravessamento das relações de gênero (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020).

Os *sites* e aplicativos de relacionamentos abrem um leque nas pedagogias culturais, pois permitem a conexão e ressignificação da vida em sociedade. Pode-se dizer que existe um mercado lucrativo que explora de forma massiva o jovem e a busca pelo prazer de forma *on-line* (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020), constituindo um nicho mercadológico relevante e com implicações para essa faixa etária.

Por fim, na visão de Loures e Costa (2020), a literatura científica sobre essa temática ainda é escassa e as discussões podem transparecer superficiais ou mesmo preconceituosas. Daí a relevância de aprofundamento de discussões como a proposta neste artigo.

⁶ Prática, muito comum no Japão e em diversos países do mundo, de pessoas se vestirem e se caracterizarem como personagens presentes em animes e jogos de videogames.

Considerando o que foi apresentado sobre juventude, negritude e webnamoro, a seguir será apresentada a metodologia adotada nesta pesquisa.

Metodologia

O questionário, aberto no dia 28 de dezembro de 2021 e fechado no dia 02 de março de 2022, utilizou a plataforma *Google Forms* com perguntas abertas e fechadas sobre webnamoro, tecnologias e juventude negra. O *link* do questionário foi enviado para coordenadores pedagógicos de três escolas públicas estaduais de periferias urbanas das cidades de: Duque de Caxias, São João de Meriti e Rio de Janeiro. Eles distribuíram para os alunos do Ensino Médio, que optaram por responder ou não.

Gil (1999, p. 128) define o questionário como “[...] a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”.

O instrumento também possibilita atingir um número maior de pessoas, independente da região geográfica, tem menor custo com insumos e pessoal, permite o anonimato do pesquisado para que responda a qualquer momento, desde que o questionário ainda esteja disponível, e não expõe os pesquisadores a vieses de cunho pessoal do entrevistado (GIL, 1999).

Cabe também salientar que estamos vivendo um momento de pandemia de Covid-19, onde, em grande maioria, os estabelecimentos escolares estão com ensino remoto, ou seja, com atividades *on-line* ou com ensino híbrido, onde as atividades *on-line* e presenciais são realizadas de forma concomitante.

Neste sentido, o questionário *on-line* se fez necessário. No entanto, ele pode trazer algumas limitações como o não entendimento da questão pelo entrevistado ou mesmo a não compreensão da resposta do entrevistado pelo entrevistador. Ao todo foram propostas 30 questões, mais 1 opção para, se assim quisessem, o respondente deixar o seu *e-mail* para acompanhar a pesquisa. Ao todo, 28 respondentes participaram e as questões foram propostas em blocos: a) conhecendo melhor o participante, com questões sobre o gênero, local em que residem e idade; b) juventude negra e o uso das tecnologias, ou seja, as relações dos respondentes com a sua cor de pele e com o uso das tecnologias, neste caso, com as mídias sociais; c) e, por fim, as relações deles com o webnamoro.

A pesquisa de cunho descritivo buscou evidenciar características qualitativas e quantitativas das percepções dos(as) jovens negros(as) sobre webnamoro, tecnologias e juventude. Cabe lembrar que no momento do preenchimento do questionário havia a opção de autodeclaração étnico-racial dos participantes.

Ainda que o universo populacional representado seja pequeno, consideramos 28 respondentes um número plausível para se ter uma ideia do pensamento desses(as) jovens sobre o tema, assim como, vislumbrar um ensaio para estudos futuros, uma vez que o tempo em que o questionário esteve disponível foi relativamente curto e pela possibilidade de problemas tecnológicos, por parte dos respondentes, representar uma limitação. Inferimos que esse número de respondentes foi afetado pela exclusão digital que acomete alunos nesses territórios.

Com base nessa proposta metodológica e na geração dos dados ao longo dos dias em que a pesquisa esteve disponível *on-line*, será apresentada a seguir a análise dos dados e discussão dos resultados.

Análise dos dados e discussão dos resultados

Quando perguntados sobre o gênero, 67,9% dos respondentes assinalaram o gênero masculino e 32,1% como sendo do gênero feminino. A opção “Outros”, no entanto, não foi preenchida por nenhum dos respondentes no questionário.

Em relação à localidade em que moram, 68% são de Duque de Caxias, 25% de São João de Meriti e 7% da cidade do Rio de Janeiro. Já sobre a idade, 36% possuem 16 anos, 21% com 15 e 17 anos cada um, 14% têm 18 anos, e 4% com 14 e 21 anos, cada um. Ainda que, conforme apontado neste estudo, a juventude envolva diversas questões que vão além da faixa etária, as idades dos respondentes vão de encontro às visões propostas na bibliografia apresentada (DAYRELL, 2007; PERALVA, 1997; ROCHA, 2006; SILVER, 2018; UNESCO, 2004).

Sobre o preconceito racial⁷ experimentado nas mídias sociais, 54% indicaram que nunca sofreram e 46% indicaram que já sofreram. Apesar do indicativo da maioria, a grande mídia tem veiculado crimes de racismo ou injúria racial ocorrido pelas mídias sociais. Casos famosos

⁷ Apesar de não ter sido debatido de forma explícita ao longo do texto, defende-se que o preconceito racial surge de forma implícita durante o processo de discussão da hierarquização racial no Brasil. Com isso, destaca-se a necessidade de refletir sobre como esses jovens percebem a temática.

sofridos pela jornalista Maju Coutinho⁸ e a cantora Ludmilla⁹ são alguns exemplos que ganharam expressividade. Mas muitos outros casos de pessoas anônimas acabam sendo negligenciados ou vão de encontro ao desconhecimento do ocorrido pelas vítimas. Neste caso, o conhecimento da informação sobre como agir se faz necessário e ações como a mídia social *Black & Black*, apresentada por Andrade (2020), são importantes.

Cabe destacar que conforme Sales Junior (2006) e Melo, Silva Junior e Marques (2021) mostraram, o mito da cordialidade racial e da própria democracia racial acabam criando uma certa ilusão de harmonia entre as raças, com isso, alguns ataques racistas tomam a forma de brincadeira e passam despercebidos por certas pessoas. Essa perspectiva pode ajudar a compreender o alto quantitativo de jovens que afirmaram não terem sofrido racismo nas mídias sociais.

Aos que responderam que já sofreram preconceito, houve um empate quanto à reação: 46% informaram que discutiram com a pessoa; e outra metade, 46% informaram que tiveram outra atitude, mas não descreveram qual foi¹⁰. Já 8% informaram que a família ajudou a resolver a questão. Sobre conhecer ou não a pessoa que realizou a agressão na internet, 69% informaram que não conheciam e 31% informaram que conheciam.

Quando perguntados sobre ser negro(a) nas mídias sociais, 79% consideraram isso ser um fator positivo e 21% negativo. Ainda que em percentual menor, é relevante pensar como o conceito abstrato de raça (QUIJANO, 2005) acabou por estigmatizar e inferiorizar o povo negro (MBEMBE, 2014). Assim, no contexto brasileiro (SILVA JUNIOR; MELGAÇO, 2020), apesar do resultado obtido, deve-se considerar que muitos jovens negros ainda possuem dificuldades em se enxergarem como negros, colocando-se, por vezes, em posição de inferioridade em relação a outras raças. Um resultado positivo pode se coadunar com as recentes discussões de representatividade e valorização da população negra.

Para entender melhor essas percepções, elaborou-se uma nuvem de palavras com as categorizações principais de cada resposta (Figura 1). As nuvens de palavras servem como um elemento visual para entender como determinado termo ou assunto vem sendo abordado em um

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/09/tj-de-sp-condena-dois-homens-por-racismo-e-injuria-racial-contra-a-jornalista-maju-coutinho.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2022.

⁹ Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/ludmilla-sofre-racismo-e-deleta-rede-social-e-crime-veja_a307802/1. Acesso em: 15 mar. 2022.

¹⁰ Destaca-se que esta pergunta foi aberta, a fim dos jovens, caso quisessem, pudessem desenvolver a resposta dada.

trabalho. Sargiani (2017) classifica as nuvens de palavras como elementos visuais gráficos onde o tamanho das palavras constitui relevância dentro do *corpus* de origem.

Figura - 1: Nuvem de palavras



Fonte: Dados de pesquisa (2022).

Percebe-se, nas palavras de maior destaque, as que tiveram maior peso, ou seja, que se repetiram pelos respondentes. *Algo positivo*, *representatividade* e *cor da pele* foram os termos que mais se repetiram, com peso 3. Em seguida vieram *beleza*, *ser exemplo*, *empoderamento* e *algo negativo*, com peso 2. Por fim, as palavras de menor destaque, que foram *apoio*, *lutar contra o preconceito*, *normal*, *cabelo* e *cultura*, que tiveram peso 1.

Com exceção dos termos *algo positivo* e *algo negativo*, que não tiveram desdobramentos nas respostas, as demais opções possuem fortes relações com as questões pelas quais a negritude luta e busca atualmente como símbolo de resistência e legitimidade da sua existência. Os respondentes apontaram questões que estão associadas à beleza negra que podem ser ligadas a outros fatores respondidos, como o cabelo e cor da pele, por exemplo. Esses fatores também podem ser diretamente relacionados com a representatividade e com o empoderamento negro. Todos os fatores apontados podem representar um exemplo, uma questão cultural e um apoio para as lutas atreladas à negritude. Já sobre os aspectos negativos em ser negro(a), os respondentes informaram: *ser alvo de racismo*; *poucas chances de empregabilidade*; *violência física*; *ataques em relação ao gênero*; e, por fim, uma pessoa *não soube responder*.

Baseado em Gonzalez (1979), formulou-se uma questão perguntando aos jovens o que considerou mais difícil de se conseguir sendo negro(a): 96% assinalaram que é conseguir um

emprego, enquanto 4% assinalaram conseguir um relacionamento. A opção de manter os estudos, que também foi proposta, não foi assinalada pelos respondentes.

Na literatura, ao interseccionar raça, território e classe social percebe-se que os negros e negras periféricos afirmam ter dificuldade em conseguir empregos (CRENSHAW, 2004). Como destaca Cerqueira (2021), as periferias urbanas são os espaços com menores oportunidades, nos quais os jovens possuem baixa escolaridade e há um maior índice de violência. Assim, em uma sociedade onde os privilégios brancos são marcantes (SCHUCMAN, 2014), em que a raça serve como controle social (QUIJANO, 2005) e na qual são oferecidas poucas oportunidades para jovens negros, o emprego se torna uma das maiores preocupações dessa juventude.

Ao mesmo tempo, acreditamos ser relevante destacar que, de acordo com Silva Junior (2014) e Silva Junior e Borges (2018), existe todo um fetiche e uma fantasia em relação à raça negra. Em outras palavras, pensando em masculinidades e feminilidades negras, existe o mito da sexualidade exacerbada, que coloca esses sujeitos como corpos facilmente desejáveis para a prática sexual, mas que em contraste, torna-os como não adequados a diversos contextos empregatícios.

Como já exposto, no ano de 2020, o mundo conheceu um novo vírus e as suas variantes. A covid-19, infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencializou muitos óbitos pelo mundo todo. Estima-se, no momento da escrita deste artigo, que a doença tenha vitimado mais de seis milhões de pessoas no mundo. A seguinte questão proposta no questionário buscava saber se a pandemia ajudou ou atrapalhou o ato de namorar: 64% acreditam que atrapalhou e 36% que ajudou.

O Instituto Locomotiva informou que 45 milhões de pessoas começaram a namorar durante a pandemia de coronavírus, e pouco mais de um terço dessas pessoas buscou o relacionamento via celular: 72% via aplicativos de conversa; 67% pelos aplicativos *Facebook* e *Instagram*; e 35% com o telefone convencional, para a realização de chamadas de voz. Ainda assim, a pesquisa informa que 72% das pessoas acima dos 16 anos não encontraram um(a) namorado(a). Mas para 84% dos entrevistados, a pandemia possibilitou novas formas de encontrar o amor (INSTITUTO LOCOMOTIVA, 2021).

Quando perguntados sobre o que entendiam sobre webnamoro, as respostas, em nove tópicos, variaram. 32% responderam como sendo *namoro por mídia social*, 29% responderam

como sendo *nada*. Aqui fica o questionamento dos autores se a pergunta não foi compreendida pelos respondentes ou se *webnamoro* não significa *nada* para eles. Essa é uma das dubiedades do uso do questionário, algo que poderia ser sanado em uma entrevista. 5% responderam como sendo um *namoro à distância*. Para 4% *webnamoro* significa algo como: *idiota; normal; tudo; amar a pessoa do jeito que ela é; ajuda; e relacionamento entre as pessoas*. As respostas vão ao encontro ao pensamento de Loures e Costa (2020), que apontam a brevidade da temática e a dificuldade de entendimento do que de fato a mesma representa. Ainda assim, para 37%, conforme exposto, representa como sendo um *namoro*.

Quando perguntados se já tiveram algum *webnamoro*, 57% informaram que não e 43% informaram que sim. Dos que responderam sim, 50% informaram que tiveram uma experiência regular, 42% boa e 8% ruim. Sobre a mídia social que se conheceram, 50% foram pelo *Facebook*, 25% pelo *Instagram*, 17% pelo *Whatsapp* e 8% pelo *Grindr*. Essa visão dos aplicativos pelo quais se conheceram aponta que não houve a utilização massiva de aplicativos específicos de encontros amorosos. Ainda que o crescimento dos mesmos tenha ocorrido, conforme apresentado por Thomaz (2021) e Del Carmen (2021), o único que aparece entre os respondentes é o *Grindr*, que é um aplicativo de relacionamento amoroso entre homossexuais. Ainda sobre os que responderam sim, 83% informaram que se conheceram pessoalmente e 17% não se conheceram.

Silva Junior, Félix e Couto (2020) apontam os aplicativos de relacionamentos amorosos ou sexuais como um artefato narrativo desta época, na qual a cibercultura e a pandemia ganharam grandes proporções. Os autores os apontam como elementos que compõem pedagogias culturais que são responsáveis pela construção das subjetividades conectadas (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020). Por fim, por questões impostas pela pandemia de covid-19, somente o tempo irá dizer se as práticas de sociabilidade entre as pessoas continuarão a ocorrer por meio das telas de aplicativos ou pessoalmente como antes (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020).

Se a relação teve algum ato de violência, 92% informaram que não e 8% informaram que sim. Dos que responderam sim, não houve o preenchimento sobre qual tipo de violência ocorreu e não foi feito o registro de boletim de ocorrência. Para 68% ser negro não ajuda no *webnamoro* e 32% acreditam que existe sim uma vantagem.

Refletindo sobre a temática e possíveis experiências ruins, Haikal (2020) acredita na

ideia de que somos plurais, em diferentes perspectivas, e se caso ações de ataques criminosos ocorram, seja *on-line* ou não, dentro ou fora da nossa “bolha”, é primordial realizar a denúncia, principalmente se esses casos forem de discriminação e discursos de ódio contra minorias sociais. O uso das palavras, a utilização de linguagem de melhor assimilação, assim como, se colocar no lugar do outro, ajudam na construção de interações genuínas e democráticas (HAIKAL, 2020).

Se os pais sabiam do webnamoro, 79% responderam que não sabiam e 21% responderam que os pais sabiam. Dos 21% que os pais sabiam, 67% informaram que os pais apoiavam o relacionamento nascido pelo webnamoro e 33% informaram que não. Bastos (2021), ao apresentar uma reportagem em que dois adolescentes, menores de idade, saíram do estado do Ceará para conhecerem seus webnamorados, que eram mais velhos, orienta que os pais precisam ficar atentos aos riscos propiciados por esse tipo de namoro, pois as consequências podem ser avassaladoras. Apesar da Constituição Federal assegurar a segurança de jovens e adolescentes perante a Lei, os pais precisam conscientizar os jovens sobre os perigos que o mundo virtual pode oferecer (BASTOS, 2021).

Sobre mídias íntimas vazadas na internet sem o consentimento, 89% informaram que não tiveram nenhum conteúdo vazado e 11% informaram que já tiveram vazamentos de conteúdo íntimo particular na rede sem o seu consentimento. Desses que já tiveram essa violação, indicaram que ficaram com raiva da exposição, mas resolveram a situação conversando com a pessoa que vazou o conteúdo. Quando perguntados se voltariam a ter um webnamoro com outra pessoa, mesmo com o conteúdo vazado, 50% informaram que voltariam a se relacionar dessa forma e 50% não.

Sobre a compra de conteúdo ou serviços de webnamoro oferecidos pela internet, 96% informaram que nunca consumiram esse tipo de serviço e 4% informaram que já consumiram. Desses que já consumiram, não sabem qual é a empresa ou plataforma que fez a venda desse serviço. Conforme apontado por Loures e Costa (2020) e Silva Junior, Félix e Couto (2020), apesar do uso em voga de aplicativos e do potencial crescimento do webnamoro com um viés financeiro, os entrevistados ainda desconhecem essa prática como valor econômico.

Por fim, quando perguntados quais conselhos dariam para quem webnamora, as respostas serão expostas em sua integralidade no Quadro 1 por demonstrarem a essência de cada entrevistado em relação à temática. É interessante ver a visão de cada jovem sobre o

assunto e principalmente que a maioria está atenta aos perigos que esse tipo de relacionamento pode acarretar.

Quadro – 1: Conselhos sobre webnamoro

1	Pare que ainda dá tempo, isso aí é a maior perda de tempo, ainda mais na adolescência, eu com 16 anos acho que namoro não vale a pena agora, prefiro focar nos estudos
2	Sempre se preocupar se quem está do outro lado é mesmo a pessoa da foto de perfil
3	Que não confiem em alguém
4	Conhecer a pessoa bem pela internet e tomar cuidado pra não ser um estuprador
5	Muito caráter, e mente preparada para tudo 🍑
6	Pare de usar
7	Prestem bem atenção e não vão de encontro a pessoa menos de 1 mês procure conhecer bem antes de se encontrar
8	Tomar muito cuidado com o tipo de pessoa que você está lidando até porque a gente nunca sabe quem está do outro lado da tela de verdade
9	Cada um tem um jeito de lidar, né?
10	Tomar cuidado, risco de ser <i>fake</i> ou golpe
11	Não namore on-line, conheça de verdade o seu parceiro (a)
12	Tem que saber lidar com a realidade que é difícil saber lidar com a distância
13	Tomar muito cuidado
14	Não tenha medo
15	Não se apaixona porque um dia essa pessoa pode ir embora
16	Vários conselhos
17	Qualquer momento podem te deixar
18	Qualquer um conselho
19	Falar a verdade é fala[r] que você é negro ou a sua raça
20	É bom
21	Não namore
22	Não sei qual conselho dar
23	Ter muito cuidado
24	Cuidado
25	Conhecer bastante antes de qualquer coisa
26	Cuidado
27	Não tenho nenhum conselho
28	Nem tudo que tem na internet é verdade

Fonte: Dados de pesquisa (2022).

Para não concluir

Esta pesquisa ainda está em processo e apresenta diversas lacunas que serão preenchidas com novos questionários. As diversas respostas apresentadas pelos/pelas jovens negros e negras apresentam muitos caminhos e possibilidades de continuidade.

A questão que norteou esta pesquisa foi: “o que pensa o(a) jovem negro(a) morador(a) de periferias sobre o webnamoro e tecnologias?” Percebeu-se que muitos definem o webnamoro

como sendo um namoro à distância, por meio da internet. Constatou-se que o percurso dado pelos(as) respondentes da pesquisa levou para questões de cuidado quanto a esse tipo de namoro. Com isso, estão cientes dos perigos que esse tipo de relacionamento pode causar, conforme exposto no Quadro 1 desta pesquisa. Não nos cabe, neste sentido, julgar o webnamoro como sendo uma prática de todo ruim, mas ao jovem que está iniciando a sua vida amorosa é preciso cuidado, pois dependendo da experiência tida, reflexos negativos poderão acompanhar a sua vida.

A pesquisa adotou o uso de questionário para saber a opinião desses(as) jovens sobre webnamoro, tecnologias e negritude. Conforme exposto no decorrer do artigo, o uso do questionário se fez necessário frente à situação de calamidade de saúde pública vivenciada em decorrência da pandemia de covid-19, mas a utilização dessa estratégia metodológica trouxe algumas lacunas que provavelmente seriam sanadas com uma entrevista com esses(as) jovens. Ainda assim, mesmo com essas limitações, foi possível entender um pouco o que esses(as) 28 jovens pensam sobre a temática e como outras pesquisas podem ser fomentadas pensando, principalmente, em políticas públicas com o objetivo de resolver dúvidas envolvendo o viés tecnológico e aspectos de empregabilidade em periferias.

Os (as) jovens da pesquisa utilizam pouco os aplicativos específicos para relacionamentos amorosos, se valendo dos convencionais como o *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*. Acredita-se que as grandes corporações, observando que podem ter maior penetrabilidade em periferias, possam investir em tecnologia a esse público. Com isto, certamente nascerá outros pormenores de exposição desses(as) jovens. É preciso que eles não estejam tão excluídos(as) digitalmente e que questões de educação digital sejam mais frequentes. Salienta-se aqui que não apenas basta dispor de meios para o acesso, mas também se faz necessário a criação de mecanismos para que saibam usar e interpretar as informações que são disponibilizadas por meio da internet. Lembrando sempre que esta inferência se deu pelo número de respondentes.

Quando se adentra com mais afinco em questões pertinentes à negritude, percebe-se que muitas não são tão claras, como, por exemplo, assuntos relacionados ao racismo presente na sociedade brasileira. Em outras palavras, a pauta do racismo precisa ser mais difundida e discutida, em diversas formas e plataformas, para dissipar qualquer dúvida de quem sofre o mesmo. Por fim, questões relacionadas à empregabilidade também preocupam esses(as) jovens.

A pesquisa mostrou que um dos pontos apresentado pelos(as) jovens está no receio de não conseguir um emprego pelo fato de serem negros(as), ou seja, pensar em políticas públicas voltadas para essas questões pode ser importante.

Vale ressaltar que se trata de uma pesquisa situada, que aconteceu com jovens negros e negras das periferias urbanas do Rio de Janeiro, que vivem um momento específico de suas vidas, em uma localização específica. Certamente em outros espaços, outras localidades, as visões de mundo poderiam ser diferentes e as respostas seriam outras. Assim, conclui-se que a pesquisa abre diversos leques para estudos futuros com a abordagem na tecnologia, racialidades e empregabilidade de jovens proveniente de periferias.

Referências

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 25-36, set./dez. 1997. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf. Acesso em: 12 mar. 2022.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDRADE, M. Favela holding lança a “Black & Black”, primeira rede social para o público negro. **Voz das comunidades**, Rio de Janeiro, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/favela-holding-lanca-a-black-black-primeira-rede-social-para-o-publico-negro/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BASTOS, E. Segurança na internet: como agir para prevenir que crianças e adolescentes sejam vítimas de crimes virtuais? **O Povo**, Fortaleza, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2021/11/17/seguranca-na-internet-como-agir-para-prevenir-que-criancas-e-adolescentes-sejam-vitimas-de-crimes-virtuais.html>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BENTO, M. A. S.; BEGHIN, N. Juventude negra e exclusão radical. **Políticas sociais: acompanhamento e análise**, Brasília, DF, n. 11, p. 194-197, 2005. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4583/1/bps_n.11_juventudeENSAIO4_Maria11.pdf. Acesso em: 6 mar. 2022.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da violência**. São Paulo: IPEA/FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CHIMIN JUNIOR, A. B. O espaço como componente da vulnerabilidade dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei para a conduta infracional. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 41-53, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/1191/899>. Acesso em: 17 mar. 2022.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774>. Acesso em: 13 mar. 2022.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2022.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022.

DEL CARMEN, G. Apps de namoro crescem na pandemia; conheça os 7 melhores. **Forbes**, [São Paulo], 11 jun. 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/06/apps-de-namoro-crescem-na-pandemia-conheca-os-7-melhores/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, N. L. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6/7, p. 67-82, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862/1983>. Acesso em 23 mar. 2022.

GONZALEZ, L. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. In: CONFERÊNCIA ANUAL DO AFRICAN HERITAGE STUDIES ASSOCIATION, 2., 1979, Pittsburg. **Anais [...]**. Pittsburg: AHSa, 1979. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gonzalez/1979/04/28.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022.

HAIKAL, P. A. Por que tanta gente gosta de discutir nas redes sociais? Faz mal? **UOL**, [São Paulo], 09 nov. 2020. Viva Bem. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/09/por-que-tanta-gente-gosta-de-discutir-nas-redes-sociais.htm>. Acesso em: 12 mar. 2022.

INSTITUTO LOCOMOTIVA. **45 milhões de brasileiros começaram um relacionamento durante a pandemia de coronavírus**. São Paulo, 30 jul. 2021. Twitter: @i_locomotiva. Disponível em: https://twitter.com/i_locomotiva/status/1421130518498889735/photo/1. Acesso em: 18 abr. 2022.

KOOP, B. **Influência da pandemia no consumo de aplicativos de relacionamento**. 2021. 38 f. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/16103/1/BKoop.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LIMA, M. M. de. **Depressão e ansiedade como expressões da angústia existencial: uma perspectiva fenomenológica do sofrimento psíquico na pós-modernidade**. 2020. 119 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40630/1/2020_MarianaMon%c3%a7%c3%a3odeLima.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.

LOURES, J. A.; COSTA, C. T. O. P. da. O eros em uma sociedade cansada: uma busca narcisista pelo outro através dos videogames. **Revista Interdisciplinar de Artes Visuais Art&Sensorium**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 114-129, jul./dez. 2020. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/3787/pdf_44. Acesso em: 10 mar. 2022.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MELO, G. C. V.; SILVA JUNIOR, P. M.; MARQUES, A. A. S. Discursos sobre raça: quando as teorias queer nos ajudam a interrogar a norma. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, DF, v. 21, n. 2, p. 411-434, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35145/28606>. Acesso em: 12 mar. 2022.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: o processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PAZ, A. A.; SILVA, S. R. da. Isso não é pornografia de vingança: violência contra meninas e mulheres a partir da explanação de conteúdo íntimo na internet. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Comunicação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 561-579, jul./set. 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2315/2464>. Acesso em: 10 mar. 2022.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, set./dez. 1997. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a03.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 120-145.

ROCHA, M. C. Juventude: apostando no presente. **Imaginário**, São Paulo, v. 12, n. 12, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100011. Acesso em: 10 mar. 2022.

SALES JUNIOR, R. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 229-258, nov. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K6nMrtbTHFH6Pp6GbH5QRVN/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2022.

SALLES, L. M. F. **Adolescência, escola e cotidiano: um discurso contrastante entre o genérico e o particular**. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

SANTOS, A. O que é juventude? **Café com Sociologia**, [S. l.], 05 mar. 2021. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/juventude/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SARGIANI, V. **Identificação de padrões em textos de mídias sociais utilizando redes neurais e visualização de dados**. 2017. 74 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica e Computação) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/24472/VAGNER%20SARGIANI.pdf?sequence=1&isAlloved=y>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SCHUCMAN, L. V. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. **Revista da ABPN**, Goiânia, v. 6, n. 13, p. 134-147, mar./jun. 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5647126/mod_resource/content/2/Artigo_%20Branquitude%20e%20poder.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

SILVA JUNIOR, A. O. **“Deu match no Tinder!”: aplicativo virtual de paquera como pedagogia cultural**. 2020. 233 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19971/1/AlcidesioOliveiraDaSilvaJunior_Dissert.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

SILVA JUNIOR, P. M. **Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar**. 2014. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA JUNIOR, P. M.; BORGES, L. C. Adolescentes negros moradores das periferias urbanas do Rio de Janeiro: entre escola, gênero, masculinidades, raça, violência e vivências. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 03-21, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/11888/pdf3>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SILVA JUNIOR, P. M.; MELGAÇO, M. P. “Bigodinfinito, cabelin na régua”: o corte de cabelo “na régua” na construção das subjetividades de jovens negros. **Revista Textura**, Canoas, v. 22, n. 50, p. 309-329, abr./jun.

2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5339/3727>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SILVA JUNIOR, A. O.; FÉLIX, J.; COUTO, E. S. Amor, sexo e distância física: pedagogias do webnamoro na pandemia de covid-19. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 58, p. 01-25, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/21741/13360>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SILVER, K. Adolescência agora vai até os 24 anos de idade, e não só até os 19, defendem cientistas. **BBC News**, São Paulo, 19 jan. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42747453>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 16-39, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/dH674czshpNpQDsJ8vsJHLh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2022.

THOMAZ, D. Solidão na pandemia impulsiona uso de apps de relacionamentos. **Valor Econômico**, São Paulo, 18 jun. 2021. Eu &. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/06/18/solidao-na-pandemia-impulsiona-uso-de-apps-de-relacionamentos.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2022.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília, DF: UNESCO, 2004. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135923>. Acesso em: 12 mar. 2022.

XAVIER, A.; HERCOG, B. Pandemia, desigualdades raciais e acesso à internet: e eu com isso? **Carta Capital**, São Paulo, 11 set. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pandemia-desigualdades-raciais-e-acesso-a-internet-e-eu-com-isso/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Recebido em: 24/08/2022.

Aceito em: 01/12/2023.